

A INFLUÊNCIA DA LÍNGUA DE IMIGRAÇÃO ALEMÃ HUNSRÜCKISCH NA AQUISIÇÃO DA ESCRITA DO PB ENTRE PARTICIPANTES BILÍNGUES

Sabrina Gewehr Borella (UCPEL)

Márcia Cristina Zimmer (UCPEL)

INTRODUÇÃO

A partir do início do século XIX, nosso país viu-se cenário do desembarque de muitos imigrantes que para cá vieram atraídos pela esperança de uma vida melhor. Com a chegada ao novo território, surgiram os primeiros desafios, dos quais podemos destacar a comunicação com os habitantes que aqui viviam. Como consequência desse diálogo, nasceram várias comunidades bilíngues, onde os habitantes, além de falarem a língua de seu país de origem, acabaram por aprender uma segunda língua, o Português Brasileiro (PB).

Dentre todas as novas línguas de imigração trazidas pelos diferentes grupos, a pesquisa em questão trabalha com uma em especial, o Hunsrückisch. A escolha desta variante alemã deu-se a partir da experiência de uma das pesquisadoras com um grupo de crianças bilíngues Hunsrückisch-PB no ano de 2000. Em dados escritos daquele período pôde-se perceber uma constante troca de sonoridade nos segmentos plosivos ‘p,b,t,d,k,g’, onde, por exemplo, ao invés de escrever a palavra ‘balde’ o aluno escrevia ‘palde’, ‘balte’ ou até mesmo ‘palte’.

A partir destes dados, começamos a levantar, no ano de 2008, várias hipóteses e questionamentos, com o objetivo de verificar as influências que tal língua exerce na aquisição da escrita¹ e da fala do Português Brasileiro por falantes bilíngues Hunsrückisch-PB. Algumas de nossas dúvidas já foram esclarecidas em estudos anteriores, porém ainda temos muito a fazer, em razão da escassez de pesquisas referentes à língua aqui estudada.

Para esta etapa do trabalho, coletamos nossos dados na cidade de Picada Café/RS, município no qual o Hunsrückisch apresenta-se ainda bastante presente nos dias atuais. Nosso propósito desta etapa foca a escrita, buscando contemplar os seguintes tópicos: a) a verificação da localização (*onset* inicial, medial, final) mais propensa a trocas de sonoridade; b) a análise das estruturas que possuam uma maior probabilidade de ocorrência de trocas (sílabas com estruturas simples *versus* complexas); e por fim, c) os tipos de transferência encontrados nos dados escritos.

1. REFERENCIAL TEÓRICO

1.1. Hunsrückisch: uma língua de imigração

De acordo com a política linguística atual, consideramos o Hunsrückisch não mais um *dialeto* e sim uma *língua de imigração*. A substituição fez-se para que a acepção pejorativa do termo pudesse ser desfeita. As línguas de imigração foram, por muito tempo, vistas apenas como meros dialetos, o que as tornava “invisíveis” perante as línguas dominantes (SKUTNABB-KANGAS, 1996). Com o emprego do atual termo, acreditamos que as línguas de imigração possam ter o seu valor reconhecido em nosso país, cujas políticas linguísticas oficiais ainda estão pautadas no mito do monolinguismo.

O conceito *língua de imigração* é assim chamado por duas razões: 1º) por originar-se em outro país e 2º) por ser uma língua de uso minoritário (ALTENHOFEN, 2007). O Hunsrückisch, introduzido em várias localidades da região sul do Brasil a partir do início do século XIX, enquadra-se nesta classificação por se proveniente de uma região montanhosa da Alemanha, chamada de Hunsrück e por ter um número menor de usuários em nosso país do que o Português Brasileiro. A utilização de tal língua por falantes bilíngues pode gerar alguns processos de transferência, como veremos a seguir.

¹ Deve ficar claro que não são feitas distinções entre os termos “aquisição” e “aprendizagem” neste trabalho, pois não se adotam conceitos dicotômicos cognitivistas.

1.2. As transferências geradas pelo bilinguismo

Antes de verificarmos alguns processos de transferência gerados pelo bilinguismo precisamos conceituá-lo. Várias são as definições encontradas na literatura. A que consideramos mais plausível é a apresentada por Vaid (2002), onde ele aponta como sendo bilíngue aquele indivíduo que “*conhece e usa duas línguas, as quais não seriam necessariamente utilizadas no mesmo contexto, nem dominadas com os mesmos níveis de proficiência*” (VAID, 2002, apud ZIMMER et al, 2008, p. 5).

Independentemente de a utilização das duas línguas ser diária ou não, o fato é que a grande maioria dos bilíngues e aprendizes de uma segunda língua acaba por realizar transferências entre sua língua materna e sua língua alvo. Essas transferências ocorrem devido ao sistema neurolinguístico já entrincheirado nas redes neuronais que o aprendiz traz consigo para a aquisição da nova língua (MACWHINNEY, 2007). Ao aprender uma L2, o aluno sempre irá buscar na sua língua mais entricheirada as características necessárias para a formação estrutural desta língua. Um exemplo muito comum que podemos citar é a famosa inversão *substantivo/adjetivo* realizada por aprendizes iniciantes da língua inglesa. Neste caso ao invés de dizer “*blue car*” (azul carro), onde o adjetivo aparece antes do substantivo, o aluno utiliza a estrutura conhecida por ele do PB, ou seja, ‘*substantivo + adjetivo*’.

Existem outros inúmeros exemplos de transferência, todas geradas de forma inconsciente. Algumas transferências estão relacionadas especificamente à fala, as chamadas fonético-fonológicas, em que o aprendiz utiliza os padrões já estabelecidos em sua L1 na produção de sua L2. Quanto mais próximos os sons das duas línguas, mais difícil torna-se a percepção das diferenças e, por conseguinte, a sua produção. Já outro tipo de transferência, está ligada à relação entre a escrita e a fala. Esse é o caso da transferência grafo-fônico-fonológica, que ocorre quando o bilíngue tende a conferir aos grafemas que compõem as palavras da L2 a mesma ativação fonético-fonológica que tais grafemas atuariam durante a produção oral na L1 (ZIMMER, ALVES, 2006).

A maioria das transferências *grafo-fônico-fonológicas* analisadas no Brasil ocorrem da escrita para a fala, enquanto que as analisadas em nosso trabalho ocorrem da fala para a escrita. Podemos dizer que a transferência analisada aqui é motivada pela transferência *fonético-fonológica*. Por utilizar os padrões de sua L1 na ativação de sua L2, o aprendiz irá modificar a sua fala. Mais tarde, tenderá a refletir, na escrita, a transferência por ele já gerada na fala. Isso expande o conceito de transferência *grafo-fônico-fonológica* cunhado por Zimmer (2004), pois abarca a relação entre o processamento do sistema fonético-fonológico e do sistema de lecto-escrita nos dois sentidos: da escrita para a fala e da fala para a escrita. No caso de bilíngues que entraram em contato com a L2 após terem sido alfabetizados na L1, a transferência *grafo-fônico-fonológica* ocorre da escrita para a fala, por diversas razões (para uma análise aprofundada do fenômeno, ver Zimmer e Alves, 2006). Contudo, no caso dos bilíngues que entraram em contato com a L2 desde bem cedo, tendo sido alfabetizados na L2, como é o caso da maioria dos falantes brasileiros de línguas de imigração como o pomerano, o vêneto, o Hunsrückisch, entre outras, a transferência *grafo-fônico-fonológica* ocorre da fala (L1) para a escrita. É a partir desse sentido da transferência *grafo-fônico-fonológica* – da fala para a escrita – que vamos focar nossa análise de troca de sonoridade na escrita do PB por crianças bilíngues Hunsrückisch-PB. Antes de realizar essa análise, aprofundaremos um pouco mais o tópico referente às substituições de sonoridade.

1.3. As substituições grafêmicas relativas à sonoridade: dúvidas comuns na fase inicial de aquisição da escrita

Decidimos incluir este tópico em nosso artigo para esclarecer que estamos cientes da existência de trocas de sonoridade também em alunos monolíngues. Estudos apontam que as substituições envolvendo a grafia de fonemas surdos e sonoros, chamados aqui de *trocas ou inversões de sonoridade*, encontram-se em 7º lugar de ocorrência numa escala de 11, apontados por ZORZI (1997).

Em conversas informais com educadores das séries iniciais podemos constatar que essa dificuldade, não necessariamente presente entre todas as crianças no período inicial de letramento, vai atenuando-se na medida em que o aprendiz vai adquirindo a sua escrita. Cagliari (1990, apud ZORZI, 1997) acredita que tais inversões possam estar relacionadas ao aprendizado da escrita em silêncio. Ao articularem as palavras apenas com o sussurro ou até mesmo sem ele, os aprendizes tendem a realizar

uma dessonorização dos fonemas sonoros. Tal poderia ser o motivo de existir um maior número de dessonorizações perante as sonorizações registradas na contabilidade das trocas.

De acordo com ZORZI (1997), a compreensão da relação entre grafemas e fonemas é imprescindível para a aprendizagem da escrita. A partir dessa afirmação, podemos começar a compreender o quão fácil é para um aprendiz bilíngue *Hunsrückisch-PB* realizar inversões de sonoridade em sua escrita. Se observarmos o sotaque deste falante em sua fala em PB, notaremos que ele apenas transfere-o no momento de escrever. Apresentaremos agora alguns resultados de pesquisas anteriores que demonstram essa relação.

1.4. A influência da fala de crianças bilíngues *Hunsrückisch-PB* na troca de grafemas representando plosivas surdas e sonoras

Temos aos poucos descoberto o quanto a fala exerce influência sobre a escrita. Em uma de nossas pesquisas anteriores, verificamos que o número de ocorrências de trocas de sonoridade entre crianças monolíngües é significativamente menor se comparado com as inversões dos aprendizes bilíngues *Hunsrückisch-PB* (GEWEHR, 2008). No trabalho referido, foi realizado um ditado com 17 participantes de uma turma monolíngue e 13 participantes de outra bilíngue, classificadas dentro do mesmo nível de aquisição de escrita, no qual os resultados apresentaram um total de 23 inversões para o grupo de alunos monolíngues contra 89 dos bilíngues.

Após o mesmo ditado, gravamos e analisamos algumas produções de fala dos alunos monolíngues em PB e dos alunos bilíngues em PB e em *Hunsrückisch*, para fins de comparação (GEWEHR et al., 2008).

Os resultados mostraram que algumas crianças bilíngues apresentam um menor índice de pré-vozeamento em PB nas plosivas /b/, /d/ e /g/ ou até mesmo a ausência dele. Isto significa que o pré-vozeamento do segmento /b/, por exemplo, pode apresentar-se tão pequeno na fala da criança bilíngue, que passa a ser interpretado auditivamente como um /p/. Através dessa análise, pautada numa visão dinâmica da fala (Albano, 2007) conseguimos mostrar que um segmento não pode ser considerado binariamente + ou – sonoro, mas que existe uma gradiência na produção dos participantes que perpassa essa escala (GEWEHR et al., 2008).

Outra característica interessante de relatarmos foi a da verificação da ausência dos segmentos sonoros /b/, /d/ e /g/ na língua de imigração estudada. Por estarem acostumados a utilizar apenas os segmentos surdos na fala em *Hunsrückisch* os alunos poderiam estar transferindo essa ausência de sonoridade para suas falas em PB.

Passamos agora para explicação do método seguido nesta pesquisa.

2. MÉTODO

Para que pudéssemos realizar nossa análise de propensões de troca de sonoridade na escrita em PB de falantes bilíngues, decidimos, num primeiro momento, realizar um bingo escrito com alunos de uma primeira série². O jogo, entretanto, não foi suficiente para que uma análise mais concreta pudesse ser realizada, haja vista o pequeno número de dados obtidos. Por esta razão, adicionamos à nossa análise alguns dados de anotações realizadas pela professora regente da turma, além de um caderno de redações de outra participante da quarta-série do mesmo colégio. Seguem, então, as descrições dos participantes e dos materiais de análise.

2.1. Participantes

Tendo em vista que grande parte dos habitantes do município de Picada Café/RS são bilíngues *Hunsrückisch-PB*, realizamos nossa coleta em uma escola da rede municipal da cidade referida. Para que pudéssemos realizar um paralelo entre aprendizes bilíngues e monolíngues, dividimos nossos

² A partir da implementação da lei 11.274 (2006), esta série passou a ser denominada de 2º ano. A antiga pré-escola passou a ser obrigatória, sendo chamada de 1º ano. O enfoque dado para a aquisição da escrita e da leitura continua sendo dado no 2º ano do ensino fundamental (antiga primeira série).

participantes em quatro grupos: a) os alunos monolíngues da turma da primeira série; b) os alunos bilíngues da turma da primeira série que utilizam a língua de imigração com menor frequência³; c) os alunos bilíngues da primeira série (aqueles que falam o *Hunsrückisch* diariamente); e d) uma participante bilíngüe (utilização diária) da quarta-série. Para uma melhor compreensão dos quatro grupos de participantes⁴, segue abaixo o quadro 1:

	Alunos monolíngues	Alunos bilíngues (que utilizam a língua de imigração com menor frequência)	Alunos bilíngues (que utilizam a língua de imigração diariamente)	Aluna bilíngüe (utilização diária)
Série	1ª série	1ª série	1ª série	4ª série
Localização da escola	Picada Café/RS	Picada Café/RS	Picada Café/RS	Picada Café/RS
Tipo de escola	municipal	municipal	municipal	municipal
Descendência da maioria dos alunos	Brasileira	Alemã	Alemã	Alemã
Nº de alunos	6	8	5	1

Quadro 1 – Informações relativas aos participantes da pesquisa

2.2. Instrumentos de coleta

Para nossa investigação usamos os seguintes instrumentos de coleta:

***Bingo**: realizado no início do mês de novembro de 2008, o jogo adaptado do IAFAC - Instrumento de Avaliação de Fala para Análise Acústica da Criança (BERTI, 2008) -, consistia no preenchimento de 2 cartelas por participante. Em cada uma delas foram colocadas 18 figuras de substantivos iniciados pelos grafemas ‘p,b,t,d,k,g’. Essas palavras – e respectivas figuras – foram selecionadas de forma a compor o seguinte conjunto em cada cartela: 3 dissilábicas simples (CVCV); 3 dissilábicas complexas (coda fricativa); 3 dissilábicas complexas (coda tepe); 3 dissilábicas complexas (coda nasal); e 3 trissilábicas simples (CVCVCV). Foram adicionadas ainda outras 3 figuras com palavras distratoras não iniciadas por plosivas, em cada jogo, para que as cartelas fossem diferentes uma das outras. O material foi assim construído para que pudéssemos verificar não apenas as transferências ocorridas entre as duas línguas e as posições mais propícias para tal ocorrência, mas também as estruturas que pudessem apontar um maior número de inversões. Para a prática da coleta em si uma das pesquisadoras sorteou a definição de cada uma das palavras. A aplicadora definia a palavra, a qual as crianças tinham que adivinhar. Depois que adivinhavam, as crianças as escreviam em suas cartelas, logo abaixo das figuras referentes às mesmas. Desta forma, a pesquisadora não influenciou os participantes com a sua fala. No quadro 2 são apresentadas as palavras trabalhadas:

Palavras utilizadas no bingo					
pato	Pacote	Porta	Pasta	Ponte	Macaco
Bico	Bigode	Barco	Bosque	Banco	Sacola
Tatu	Tapete	Torta	Testa	Tampa	Óculos
Dedo	Ditado	Dor	Disco	Dente	Vestido
Copo	Cabide	Carta	Casca	Campo	Sapato
Gato	Garrafa	Gorda	Gás	Gambá	rádio

³ Classificamos como bilíngues com menor uso da língua de imigração aqueles que declararam, em um formulário, utilizar o *Hunsrückisch* apenas “às vezes”.

⁴ Os participantes de ‘a-c’ pertencem à mesma turma.

Quadro 2 – Lista de palavras utilizadas no bingo

*Anotações da professora regente da turma: Além da produção de palavras através do bingo, as pesquisadoras coletaram algumas ocorrências de troca de sonoridade, relatadas no material de planejamento da professora titular da turma, referentes a ditados realizados no início do ano letivo e de histórias em quadrinho.

* Caderno de redações: Mesmo após as 2 coletas acima referidas, ainda acreditávamos não possuir o número de dados mínimos para que afirmações pudessem ser feitas. Partimos então para uma terceira etapa. Através de conversas com professores do colégio trabalhado, contatamos uma professora de língua portuguesa que nos auxiliou com o empréstimo de um caderno de redações repleto de trocas de sonoridade de uma aluna sua da 4ª série. A menina, bilíngue Hunsrückisch-PB, sempre apresentou inversões de sonoridade na escrita do português brasileiro. Tal acontecimento estimulou nossa pesquisa ainda mais, uma vez que crianças monolíngues tendem a realizar inversões de sonoridade apenas no início de sua alfabetização. Com esta última coleta, conseguimos material suficiente para realizar a análise apresentada a seguir.

3. ANÁLISE DOS RESULTADOS

Nesta seção analisaremos as trocas de sonoridade presentes no material coletado, destacando as características relevantes a cada fase e grupos analisados.

3.1. Análise geral: Faremos agora uma análise geral dos resultados dos números de trocas das 3 etapas, observando os grupos em que elas ocorreram. Mais adiante entraremos nas especificações da pesquisa.

3.1.1. Primeira etapa (bingo): relembramos que desta etapa participaram os alunos da primeira série, sendo eles participantes de 3 dos nossos grupos: 6 participantes monolíngues, 8 participantes bilíngues, que utilizam a língua de imigração com menor frequência, e 5 bilíngues que utilizam a língua de imigração diariamente. Nossa expectativa para este jogo não foi contemplada (v. quadro abaixo). Esperávamos que os alunos bilíngues (ambos os grupos) realizassem várias inversões de sonoridade, fato que não ocorreu (6 + 5). Seria a maneira como estes alunos estão sendo alfabetizados responsável por essa mudança? Surge com isto uma questão que deve ser estudada.

Encontramos também inversões de alguns alunos monolíngues (3). Acreditamos que estas trocas estejam relacionadas com o fator “dúvida de sonoridade”, comum a vários alunos na fase inicial/intermediária da aquisição da escrita, que vai diminuindo conforme os estágios e o entendimento da escrita vão tornando-se mais claros ao aprendiz. Tal resultado demonstra, portanto, não a dúvida de sonoridade contínua presente em alguns educandos bilíngues português-alemão, mas sim, uma incerteza comum a vários estudantes em nível inicial/intermediário de aquisição da escrita.

	Monolíngues	Bilíngues (utilização com menor frequência)	Bilíngues (utilização diária)
Nº de trocas (total de 14)	3	6	5
Total de alunos	6	8	5
Nº de alunos que trocaram	2 (33,33%)	2 (25%)	2 (40%)
Silábico-alfabético	1(1 trocas)	-	
alfabético	1(2 trocas)	2 (6 trocas)	2 (5 trocas)

Quadro 3 – Análise geral do bingo

Outro fato que pode também influenciar a troca de sonoridade entre alunos monolíngues diz respeito ao ambiente em que é realizada a pesquisa. Na turma estudada, por exemplo, apesar de 6 alunos serem monolíngues PB, não podemos esquecer de que eles estão em constante presença, quer seja da língua alemã falada na comunidade em que vivem, quer seja do sotaque característico em PB de seus colegas que apresenta uma escala de dessonorização.

3.1.2. Segunda etapa (anotações): para esta parte, foram analisadas palavras de um ditado realizado no início do ano letivo, acrescido de dados recolhidos de histórias em quadrinhos produzidas pelos mesmos alunos da etapa anterior. Nos resultados apresentados no quadro 4, podemos verificar que o maior número de trocas ocorreu com os alunos bilíngues que não utilizam o Hunsrückisch diariamente, seguidos dos bilíngues que falam a língua de imigração todos os dias e dos monolíngues.

	Monolíngues	Bilíngues (utilização com menor frequência)	Bilíngues (utilização diária)
Nº de trocas (total de 19)	3	9	7
Total de alunos	6	8	5
Nº de alunos que trocaram	2 (33,33%)	6 (75%)	4 (80%)
silábico		-	1 (1 troca)
Silábico-alfabético	1 (1 troca)	-	1 (2 trocas)
alfabético	1 (2 trocas)	6 (9 trocas)	2 (4 trocas)

Quadro 4 –Análise geral das anotações

3.1.3. Terceira etapa (caderno): Neste último estágio, acrescentamos para nossa análise mais uma participante, desta vez pertencente da 4ª série do mesmo colégio. Lembramos que a estudante por possuir 4 anos de alfabetização, não deveria apresentar mais as dúvidas de sonoridade propícias da fase inicial/intermediária da alfabetização. No entanto, podemos visualizar nos resultados várias inversões de sonoridade, que através de nossa experiência podem ser afirmadas como sendo consequência da transferência da língua de imigração alemã.

Caderno	
Nº de palavras/repetições	276 (89)
Nº de trocas	402
Nº de alunos	1
Nível alfabetização	Alfabético

Quadro 5 – Análise geral do caderno

Foi analisado nesta etapa o caderno de redação da aluna, constituído de 35 textos realizados no decorrer do ano letivo de 2008, o que acarreta uma média de mais de 11 inversões por redação, número bastante relevante uma vez que os textos não eram muito extensos. Segue abaixo a transcrição de um deles para possamos ter uma melhor visualização do material analisado:

Meu colega se **jama**: Marcos **Alejantr**e Klain. Ele tem **anifersário** no dia 9 de abril e ele tem 9 anos e ele naseu no ano de 1998.

Marcos é auto, magro e legal. Ele **dem me**to de coba e de **la**trão. O sonho **tele** é vuar de avião. Ele gosta de comer xis e **ca**choro quente.

O que ele não gosta: fritas e **ver**turas.

Ele é legal, **estu**fioso, leitor, brincalhão, **po**mito.

Quadro 6 – Transcrição do texto “As qualidades”

Dois pontos específicos chamaram nossa atenção na análise do caderno. O primeiro diz respeito ao acréscimo de segmentos analisados. Tínhamos em vista, primeiramente, trabalhar apenas com os pares surdo/sonoro ‘p,b’ ‘t,d’ e ‘k,g’, uma vez que os mesmos se mostraram mais frequentes em outras coletas realizadas. Contudo, achamos necessário adicionarmos a análise os pares ‘f,v’, ‘ʃ⁵’ e ‘r, rr’, já que ocorreram trocas de sonoridade nestes segmentos, conforme pode ser visto no texto acima transcrito.

O segundo ponto que não poderíamos deixar de ressaltar se refere a uma troca de sonoridade bastante comum que não aconteceu. A participante em momento algum inverteu o par surdo/sonoro ‘k,g’. Tal fato nos instiga devido ao grande número de inversões encontradas nos outros pares. Em nossos estudos já havíamos encontrado bilíngues que, apesar de utilizarem a língua de imigração alemã diariamente, não realizam nenhuma troca de sonoridade. No entanto, não havíamos percebido ainda a possibilidade de um mesmo indivíduo assimilar apenas um dos pares estudados. Cabe, em estudos futuros, tentar entender o porquê disso. Apresentaremos agora uma análise mais detalhada relativa às questões propostas na introdução desta pesquisa.

3.2. Análise específica

3.2.1. Localização das inversões de grafemas nas palavras: no quadro abaixo podemos verificar os resultados obtidos em cada uma das etapas de nossa pesquisa relativos à localização das inversões:

	Bingo (1ª etapa)	Anotações (2ª etapa)	Caderno (3ª etapa)	Total
Nº de trocas	14	19	402	435
Onset Inicial	8 (57,14%)	15 (78,94%)	86 (21,39%)	109 (25,05%)
Onset Medial	6 (42,85%)	3 (15,78%)	113 (28,10%)	122 (28,04%)
Onset Final	-	1 (5,26%)	197 (49%)	198 (45,51%)
Monossílabos	-	-	6 (1,49%)	6 (1,37%)

Quadro 7 – Resultados específicos das localizações das trocas

Através dos dados coletados podemos verificar que não existe uma localização de *onset* mais propensa para a troca de grafemas motivada por inversões de sonoridade. Os alunos da primeira série (1ª e 2ª etapas) tenderam a inverter mais a sonoridade em *onset* inicial. Já a aluna da 4ª série apresentou um maior número de trocas em *onset* final. É comum até mesmo encontrarmos mais de uma troca de sonoridade em uma só palavra. Tal fato foi encontrado diversas vezes em nossas análises, como podemos observar nos exemplos a seguir:

DUPARÕES (tubarões)

⁵ Colocamos aqui os símbolos fonéticos para substituir todos os grafemas correspondentes a ambos os sons. No entanto, lembramos que tratam-se de dados escritos.

BOTRE (podre)
<i>PEPE</i> (bebe)

Quadro 8 – Exemplos de troca de sonoridade⁶

3.2.2. Estrutura silábica: Apresentamos agora os dados relativos às estruturas silábicas (simples *versus* complexas) mais propensas a trocas de sonoridade:

	Bingo (1ª etapa)	Anotações (2ª etapa)	Caderno (3ª etapa)	Total
Nº de trocas	14	19	402	435
Simples	10 (71,42%)	14 (73,68%)	250 (62,18%)	274 (62,98%)
Complexa	4 (28,57%)	5 (26,31%)	152 (37,81%)	161 (37,01%)

Quadro 9 – Resultados específicos das estruturas das trocas

Ficamos bastante surpresos com os resultados obtidos. Acreditávamos que a dificuldade das sílabas complexas faria com que os alunos incorressem em um maior número neste tipo de estrutura. No entanto, o resultado foi o oposto: um maior número de trocas em sílabas simples, em todas as etapas analisadas. Tal resultado mostra-se bastante interessante, uma vez que com ele podemos mostrar que não é a complexidade da estrutura da sílaba que poderia estar levando o aluno a cometer uma inversão de sonoridade.

3.2.3. Tipos de transferência: discutiremos neste ponto 2 tipos de transferências encontrados em nossos dados.

3.2.3.1. Transferência grafo-fônico-fonológica motivada por diferentes padrões de sonoridade das duas línguas: apesar de ocorrer em ambos os sentidos, a transferência de sonoro para surdo (dessonorização) ocorreu na maior parte dos dados analisados (66,96%). Esse resultado mais favorável a uma dessonorização está ligado, provavelmente, à ausência dos grafemas sonoros estudados na língua de imigração alemã. Neste sentido, os alunos tendem a realizar mais dessonorizações ao falarem e escreverem em PB, por estarem habituados a utilizar apenas os elementos surdos na sua primeira língua.

3.2.3.2. Transferência grafo-fônico-fonológica motivada por confusão entre os nomes dos grafemas e o fonema que eles representam: encontramos, além dos tipos de transferência acima arrolados, outro tipo interessante de associação com que nos deparamos no material coletado, com 2 alunos em fase inicial/intermediária de alfabetização. Ela acontece devido a confusão entre os nomes dos grafemas e o fonema que eles representam. Nos dados analisados ocorreram trocas do grafema ‘g’ pelo grafema ‘h’, devido ao som dado ao nome do mesmo /aga/, como no exemplo da palavra ‘goleada’, coletado nas anotações da professora titular, onde o aluno acabou escrevendo /goleada/.

Os dados encontrados não foram utilizados na soma dos resultados apresentados na análise geral, já que não foram classificados como transferências de sonoridade. No entanto, já tivemos em outras coletas a presença das duas transferências simultaneamente, onde alguns aprendizes transferiram o grafema ‘k’ pelo ‘h’, ao invés do ‘g’ pelo ‘h’.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

⁶ As sonorizações estão representadas no quadro em negrito enquanto que as dessonorizações estão apresentadas em itálico.

Nosso propósito para este trabalho esteve focado nos três tópicos seguintes: a) a verificação da localização com maior tendência a trocas de sonoridade (*onset* inicial, medial ou final); b) a análise das estruturas que possuíam uma maior probabilidade de ocorrência de trocas (sílabas com estruturas simples *versus* complexas); somados a verificação dos c) tipos de transferência encontrados nos dados escritos.

Com relação ao primeiro ponto, constatamos que não podem ser feitas afirmações de que exista uma localização mais propensa para a troca de grafemas na escrita motivada pela inversão da sonoridade na fala. Enquanto que os estudantes da 1ª série realizaram o maior número de inversões em *onset* inicial, a aluna da 4ª série fez inversões em *onset* final.

Já a estrutura de nossos dados, mostrou-se mais pendente para uma das alternativas: as sílabas simples, para nossa surpresa, uma vez que são mais fáceis de serem adquiridas. No entanto, houve também muitas ocorrências opostas, o que indica a necessidade de outro estudo para verificar se nossos resultados se confirmam, antes de afirmarmos que sempre teremos mais inversões de sílabas simples do que de sílabas complexas.

Nosso terceiro tópico mostrou que as inversões apresentadas na grafia são muito mais dessonorizadoras do que sonorizadoras, devido o próprio caráter da língua de imigração alemã Hunsrückisch, confirmando o que já havia sido apurado em estudo anterior (GEWEHR et. al., 2008). Podemos fazer esta relação se pensarmos que o sistema fonético-fonológico do Hunsrückisch não possui as plosivas sonoras, havendo somente a utilização surda nestas posições. Por estar habituado a usar apenas os fonemas surdos na fala de sua língua de imigração, o aluno acaba transferindo para a fala em PB esta ativação, o que é retransmitido automaticamente para a escrita (transferência grafo-fônico-fonológica) e parece existir um contínuo entre os sistemas de fala e escrita.

Outra transferência também observada foi aquela em que os alunos trocam o grafema ‘g’ pelo ‘h’, inversão esta também realizada em consequência da relação entre o som do nome do grafema /aga/ e o fonema que forma o outro grafema juntamente com uma vogal /ga/. Esses dados sugerem, conforme já colocado por Kirov e Gafos (2007), que existem detalhes fonéticos nas representações lexicais de monolíngues e bilíngues. Os aprendizes são capazes de representar e armazenar, não somente em termos sensoriais, mas também na memória de longo prazo, contrastes que nem sempre conseguem produzir. Albano (2008) destaca o papel do sistema motor na aquisição da fala, afirmando haver um forte elo entre este e o sensorio nas representações fônicas. Segundo a autora, “*os marcadores de lugar são, em geral, distintos dos sons com que se confundem de oitiva e constituem o meio preferencial de representar distinções em construção na memória a longo prazo infantil*” (Albano, 2007, p. 16). Essa afirmação pode, a nosso ver, ser estendida também para a aprendizagem da escrita, fortemente influenciada pela fala bilíngüe produzida pelo aprendiz e pela fala adulta que o cerca. Há uma dinâmica na representação de contrastes como o surdo e o sonoro na escrita, e essa representação vai se modificando através do próprio uso da escrita na escola e com o contato com o modelo da fala adulta do professor.

Enfim, várias foram as descobertas feitas nesta pesquisa. No entanto, a que mais chamou nossa atenção foi a questão da ausência de inversão de sonoridade apenas dos segmentos ‘k, g’ de nossa participante da 4ª série. O que teria levado esta aluna a compreender somente a distinção deste par surdo/sonoro? Será que a forma como os primeiros anos de colégio são ministrados e os sotaques dos professores alfabetizadores podem interferir de uma maneira positiva ou negativa na distinção destes fonemas pelos alunos? Existem atividades específicas que possam auxiliar os alunos a entenderem a diferenciação entre os fonemas surdos e sonoros? Essas e outras questões precisam ser estudadas daqui para frente para que se possa demonstrar, de maneira cada vez mais clara, que essas trocas de sonoridade entre os aprendizes bilíngues refletem a dinamicidade da fala e da cognição bilíngue durante a aprendizagem da escrita.

REFERÊNCIA

- ALBANO, E. *Representações dinâmicas e distribuídas: indícios do português brasileiro adulto e infantil. Letras de Hoje*, v. 42, n. 1, p.131-150, 2007.
- ALTENHOFEN, Cléo V. *O status de brasilidade das línguas de imigração em contato com o português*. In: I Fórum Internacional da Diversidade Lingüística: por uma política para a diversidade

- lingüística no ensino de línguas, 2008, Porto Alegre. *Anais do 1 Fórum Internacional da Diversidade Lingüística: por uma política para a diversidade lingüística no ensino de línguas*. Porto Alegre : Evangraf / Instituto de Letras (UFRGS), 2008. p. 25-40.
- BERTI, L.; PAGLIUSO, A.; LAÇAIVA, F.. *IAFAC: Instrumento de Avaliação de fala para análise acústica*, 2008.
- GEWEHR, Sabrina B. *A influência da fala bilíngüe Hunsrückisch-PB na aprendizagem da escrita do PB*. In: VIII ENCONTRO DO CELSUL, 8º, 2008. Porto Alegre, *Anais do 8º encontro do Celsul*. Pelotas: Educat, 2008. 1 CD.
- GEWEHR, S.B., ALVES, U.K., ZIMMER, M. C. *Padrões de vozeamento das plosivas iniciais (PB-Hunsrückisch) em crianças monolíngües e bilíngües* In: X CONGRESSO NACIONAL DE FONÉTICA E FONOLOGIA E IV CONGRESSO INTERNACIONAL DE FONÉTICA E FONOLOGIA, Niterói, 2008.
- MACWHINNEY, B. *Emergent fossilization*. In: HAN, Z; ODLIN, T. (Eds.). *Perspectives on fossilization*. Clevedon, UK: Multilingual Matters, 2007.
- SKUTNABB-KANGAS, Tove; PHILLIPSON, Robert. *Linguicide and linguisticism*. In: GOEBL, Hans et al. (eds.) *Contact linguistics: an international handbook of contemporary research*. Berlin : de Gruyter, 1996. p. 667-675.
- ZIMMER, M.; ALVES U. K. *A produção de aspectos fonético-fonológicos da segunda língua: instrução explícita e conexãoismo*. *Linguagem e Ensino*, v.9, n.2, p.101-143, jul./dez.2006.
- ZIMMER, M.; FINGER, I.; SCHERER, L. *Do bilingüismo ao multilingüismo: intersecções entre a psicolingüística e a neurolingüística*. *ReVEL*. Vol. 6, n. 11, agosto de 2008. ISSN 1678-8931 [WWW.revel.inf.br].
- ZORZI, J. L. *As trocas surdas-sonoras nos contextos das alterações ortográficas*. In: ZORZI, J. L.; MARCHESAN, I. Q.; GOMES, I.D.G. (Org). *Tópicos em Fonoaudiologia*. São Paulo: Lovise, p. 441-462, 1997.